

Terra – a matéria prima dos humanos

Meditação apresentada pelo P. Hans Alfred Trein, Secretário Adjunto do Comin, no dia 17 de agosto de 2007, na Casa Matriz das Diaconisas, em São Leopoldo/RS, na abertura do Seminário sobre a temática: ***Terra, um tema candente/urgente na IECLB***”.

Quando penso na história do desenvolvimento humano, às vezes a leio como uma história de distanciamento, de alienação dos humanos de sua matéria prima – a terra. Nessa história, de um lado, os humanos lograram impressionantes conquistas tecnológicas. Boa parte de trabalhos física e mentalmente extenuantes e demorados foram facilitados. De outro lado, a terra e o seu ciclo e ritmo natural de vida perderam em importância. O solo foi reduzido a um meio de produção, um recurso material comercializável. Não há espaço para conceber a terra como um complexo ser vivo. Minerais, plantas e animais estão degradados a recursos naturais, objetizados, manipulados, explorados. Parece que enveredamos pelo caminho sem volta da cultura e da civilização: urbanização, industrialização, poluição, superpopulação, globalização, aquecimento global...

Sem entrar em detalhamentos, penso que o surgimento das sociedades de estado aceleraram esse processo. Se compararmos a nossa cosmovisão ocidental com as cosmovisões indígenas, vamos constatar concepções opostas: nós ocidentais falamos em natureza, os indígenas falam de mãe-terra; nós ocidentais consideramos o domínio da natureza como marco de desenvolvimento ao passo que povos indígenas consideram sua integração no todo da criação como marco de desenvolvimento.

Seguindo esse raciocínio, então, se poderia traçar a hipótese de que, quanto mais as sociedades se desenvolveram de suas origens tribais na direção de modernas sociedades de estado, tanto mais elas também se distanciaram e alienaram de sua ligação com a terra. Um exemplo disso é que nos países desenvolvidos há cada vez menos agricultores – fator quase alçado ao status de critério para medir desenvolvimento. Na política de desenvolvimento, por muitos anos, falou-se da contraposição de países agrários a países industrializados, para distinguir entre países subdesenvolvidos e países desenvolvidos. Na Alemanha, com 81 milhões de habitantes, menos de 400 mil lutam para sobreviver na agricultura. No Brasil, com 190 milhões, entretanto ainda se considera menos de 12 % de população rural como índice de subdesenvolvimento, enquanto toda a costa brasileira vai se emoldurando com grandes metrópoles que mais parecem inchaços cancerígenos, que intensificam a sangria dos bens da terra para o exterior.

Essa alienação da terra agride a nossa própria substância de humanos. É interessante observar que nós urbanos conservamos em nosso imaginário íntimo figuras da terra e da natureza. Em determinados tempos, as tiramos do baú e procuramos revivê-las. Nas férias, procuramos onde experimentar a proximidade com terra, água, sol, vento, verde ou cheiro da terra e de animais. Estão em alta nas paradas musicais as duplas sertanejas que fazem vibrar as nossas emoções nostálgicas da roça e o interior. Nos exercícios de relaxamento, pessoas estressadas são desafiadas a buscar figuras de amplas planícies verdes, lagos tranquilos, riachos refrescantes, árvores fortes que se espera possam propiciar cura.

Voltando para as sociedades tribais. Sem querer romantizar ou projetar imagens de paraíso perdido, ou a imagem nostálgica “do que poderia ter sido e não foi”, fascina-me a sabedoria dos povos indígenas. Eduardo Viveiros de Castro chama de *perspectivismo cosmológico* um aspecto marcante em praticamente todas as culturas nativas. Trata-se da noção de que o mundo é povoado por um grande número de espécies de seres dotados de cultura e

consciência que se relacionam uns com os outros e que cultura e consciência não são características exclusivas dos humanos. Isso está associado à idéia de que a forma manifesta de cada espécie é apenas um envoltório, uma roupagem, a esconder uma forma humana interna, visível apenas aos olhos da mesma espécie ou a seres trans-específicos como os xamãs. Esses humanos com máscara de animais são portadores de consciência e cultura, são agentes com intenções próprias nas relações sociais da criação.

Sejam eles os Suwamish norte-americanos, os Aymará bolivianos, os Guarani brasileiros, os Saami do círculo ártico europeu ou povos aborígenes australianos, em todos esses lugares ouve-se falar da Abya Yala, da Pacha Mama, da Mãe-Terra, da qual todos procedemos e que nos mantém durante toda a vida, com a qual podemos curar doenças e que no fim da vida nos recebe de volta. Talvez não seja demais lembrar aqui que a Amazônia pesquisada está se evidenciando mais e mais como uma paisagem culturalmente trabalhada e construída e menos como uma natureza selvagem e intocada; cerca de 12 % já é comprovadamente antropogênica e indica ocupação intensa e antiga.

Para os aborígenes australianos a terra consiste no pó de nossos antepassados. Para eles não existe morte, apenas transformação. O corpo humano se torna novamente terra, para servir de nutrição para as plantas que, por sua vez, possibilitam a respiração a outros seres vivos ou vira porco do mato para servir de alimento para netos e bisnetos. À semelhança de povos indígenas de outros continentes, eles se auto-denominam “os verdadeiros humanos” para distinguir-se de nós outros ocidentais a quem denominam de “os humanos modificados”. O que todos eles crêem coincide conceitualmente com o segundo relato bíblico da criação, no qual Deus forma um boneco de terra, para em seguida insuflar-lhe o sopro da vida.

A terra do boneco não é qualquer tipo de solo. É *adamah*, terra agricultável, terra de plantio. *Adão* é o terráqueo, feito de *adamah*, aqueles 12 a 15 cm de solo fértil e vivo. Os humanos, portanto, são partes dessa camada de humus animadas pelo sopro de Deus. Assim *Adam* tem uma relação imediata com a *adamah*. Para permanecer humano, essa relação não pode ser perturbada e muito menos interrompida. O vínculo com o sopro de Deus lhe atribui a função de elo de ligação entre Deus e terra... mas, esse acento deixemos para outra ocasião.

Esse vínculo de terra e sopro divino constitui a humanidade. Quando Deus busca de volta o sopro de vida concedido, o boneco de barro volta a ser terra. “Terra à terra, cinza a cinza, pó ao pó. Da terra foste formado, à terra tornarás”... Tanto me parece belo quanto consolador, estar integrado no ciclo da vida dessa forma, estando animado pelo sopro divino.

Esse vínculo inseparável também ficou conservado em algumas línguas: os *humanos* são feitos de *humus*. *A pessoa humana é um pedaço de humus contendo o sopro divino*. Quando os humanos se distanciam e alienam da terra, esse vínculo sagrado é destruído. Matar uma pessoa humana significa machucar a terra. Ferir a terra significa matar pessoas humanas. O humus grita por causa da morte de Abel e abre sua boca para absorver o seu sangue (Gn 4.10s). O humus é tão sagrado como a vida humana. Somente nesse vínculo sagrado é pensável haver um futuro sustentável.

Não faz muito tempo, chamou-me atenção que também os animais e as aves são feitos do mesmo *humus* (Gn 2.19). Parece que a idéia primeira de Deus era a de que esses animais fossem os companheiros para que o homem não ficasse sozinho (Gn 2.18). Agora, entendo porque muitos povos indígenas concebem os animais como outras formas humanas. O espaço doméstico construído ao longo de muitos séculos foi um espaço de aprendizado mútuo entre humanos humanos e humanos animais. O *domus* foi um espaço de aconchego e aproximação,

no qual tanto animais como humanos construíram-se mutuamente. (Esse jeito de descrever o doméstico foi emprestado da tese que Marta Nörnberg está escrevendo).

O outro relato da criação é atribuído a autores sacerdotais. Originou-se nos círculos favoráveis à monarquia na área urbana. Nela falta completamente a ligação entre a pessoa humana e a terra. São sublinhados a imagem e semelhança a Deus e o domínio sobre animais e plantas. Nenhuma palavra sobre *Adão* ou *adamah*. Enquanto o relato tribal encerra, encarregando os humanos de *cultivar* e *guardar* a criação na qual foram integrados, esse relato estatal fala de *domina e sujeitar*. Trata a pessoa humana como um ser destacado da criação restante, trata-o exclusivamente como sujeito e agente, trata o restante da criação como objeto, caracteriza a relação entre humanos e restante da criação como uma relação assimétrica, desigual. Os verbos hebraicos que descrevem o domínio dos humanos sobre o restante da criação têm significados de graves conseqüências. No original significam “pisotear, pisar com os pés (como quando se pisa uvas para o vinho), subjugar um país através de guerra, violentar sexualmente, submeter à escravidão”. Será que toda a cultura e ciência ocidental deixaram guiar-se por esse relato da criação, deixando o outro para trás, como um romantismo agrícola anacrônico? Seguramente isso não teria sido possível, sem a correspondente legitimação teológica e eclesiástica.

A essa concepção quero contrapor um extrato das palavras do cacique Seattle. Ele as escreveu em resposta ao presidente norte-americano, no ano de 1855, quando o presidente Franklin Pierce propusera comprar a terra dos Suwamish:

"O grande chefe de Washington mandou dizer que quer comprar a nossa terra. Tal idéia é estranha. Nós não somos donos da pureza do ar ou do brilho da água. Como pode então comprá-los de nós? Decidimos apenas sobre as coisas do nosso tempo. Toda esta terra é sagrada para o meu povo. Cada folha reluzente, todas as praias de areia, cada véu de neblina nas florestas escuras, cada clareira e todos os insetos a zumbir são sagrados nas tradições e na crença do meu povo.

Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um torrão de terra é igual ao outro. Porque ele é um estranho, que vem de noite e rouba da terra tudo quanto necessita. A terra não é sua irmã, nem sua amiga, e depois de exaurí-la ele vai embora. Deixa para trás o túmulo de seu pai sem remorsos. Rouba a terra de seus filhos, nada respeita. Esquece os antepassados e os direitos dos filhos. Sua ganância empobrece a terra e deixa atrás de si os desertos. O que é o homem sem os animais? Se todos os animais acabassem os homens morreriam de solidão espiritual, porque tudo quanto acontece aos animais pode também afetar os homens. Tudo quanto fere a terra, fere também os filhos da terra.

De uma coisa sabemos, que o homem branco talvez venha a um dia descobrir: o nosso Deus é o mesmo Deus. Julga, talvez, que pode ser dono Dele da mesma maneira como deseja possuir a nossa terra. Mas não pode. Ele é Deus de todos. E quer bem da mesma maneira ao homem vermelho como ao branco. A terra é amada por Ele. Causar dano à terra é demonstrar desprezo pelo Criador."

Penso que não é acaso termos conservado a tradição de dois relatos da criação. Num podemos ver o nosso domínio sobre a terra como que num espelho. No outro somos lembrados de nossa ligação com a terra. O conceito de domínio foi amplamente aplicado e resultou no que estamos vendo e vivenciando. Trouxe progresso tecnológico e o sentimento de que os

humanos na verdade são os verdadeiros deuses e criadores (Salmo 8). Não é um acaso isolado que Deus foi declarado morto no auge do modernismo europeu.

Diante de todas as mazelas ambientais e da violência na terra, penso que é hora de nos inspirarmos e de nos dedicarmos ao relato da criação que fala dos humanos criados a partir do humus, emprestando os olhos dos povos indígenas e buscando analogias em seus mitos para compreendê-lo ainda melhor.

Nos anos 70 e 80 distingüíamos entre *terra de negócio* e *terra de trabalho*. Opunham-se dois conceitos de uso, um entendendo a terra como mercadoria de compra e venda e o outro como local e meio de trabalho e produção. Talvez essa contradição ainda era por demais superficial; dentro da idéia de domínio nem chegava a ser uma contradição de monta. Também o tema da IECLB “Terra de Deus, terra para todos” advogou mais o direito de acesso à terra, do que propriamente o vínculo sagrado com a terra.

Precisamos nos dar conta urgentemente da contradição mais profunda. Ela está dada pelos dois relatos da criação. Ela também aparece no relato de 1 Rs 21, onde o rei Acabe acaba apossando-se ilegitimamente da herança de Nabote. O 5º Congresso Nacional do MST, realizado em Brasília no mês de junho trouxe reflexões que também indicam na direção de que o conceito de uso da terra e de reforma agrária, praticado no MST, está superado e precisa de uma outra espiritualidade.

Advogo que inspiremos a nossa espiritualidade e reflexão teológica no relato da criação que fala de *Adam* feito da *adamah*, e observemos atentamente as chaves hermenêuticas que os povos indígenas nos fornecem. A terra é herança da humanidade, como o é a luz do sol, o ar e a água. Se não trabalharmos contra a longa mercantilização da terra, daqui a pouco teremos que pagar pela água, pelo ar e pela luz do sol...

Todo o pedaço de terra é sagrado para o nosso Deus. Juntos com os animais, nós somos pedaços de humus animados pelo sopro divino. Será utopia almejar que se possa tirar a terra do conjunto de bens que o deus-mercado quer manter como mercadoria?